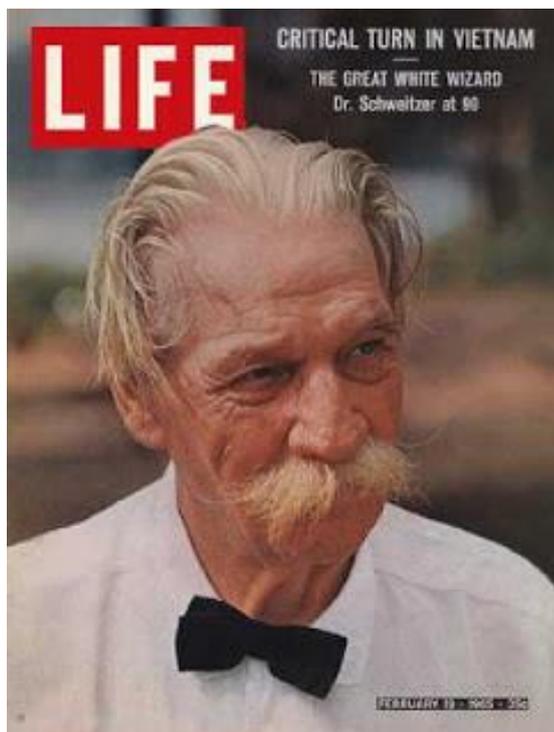


A TEOLOGIA DO SÉCULO XX

ALBERT SCHWEITZER

Introdução

Schweitzer, capa da *Life*. Fevereiro de 1965



Dos teólogos o século XX, Albert Schweitzer é talvez aquele com quem o público brasileiro tenha mais contato. Suas obras são conhecidas no Brasil desde a década de 50, ainda que, seguramente, motivadas pelo fato de o teólogo e filósofo ter recebido o Nobel da Paz, o que faz com que, aos leitores desse período, ele seja apresentado como um humanista e filantropo, deixando despercebida a sua obra teologia.

Contudo, mesmo nessas obras é possível ainda identificar o pensador poderoso que foi, por assim dizer, ofuscado pela repentina notoriedade do humanista cristão, de maneira que sua contribuição para o pensamento teológico, da maior importância, não seja, de forma alguma relevada. Além disso, as próprias singularidades de sua vida, intensa e inteiramente dedicada ao propósito de servir ao bem comum, eivada de profundo altruísmo, e mesmo de certos elementos românticos, tornam por si só a sua biografia de um interesse fascinante, já que não fica circunscrita, como nos casos de Barth, de Bultmann, de Moltmann e de Emil Brunner, às paredes de uma sala de aula ou de um gabinete de estudos, podendo ser lida e apreciada tal como se lêssemos um romance.

Os primeiros anos

Albert Schweitzer nasceu em Kayserberg, na Alsácia Superior, em 14 de janeiro de 1875, filho do pastor luterano Ludwig Schweitzer e de Adele Schweitzer, em solteira Schillinger, filha do pastor da localidade de Mülbach, também em terras alsacianas. Além da casa pastoral, a família Schweitzer possui antecedentes vinculados durante muito à fabricação de órgãos em Pfaffenhofen na Alsácia inferior o que pode explicar a posterior inclinação – e mais tarde o refinado desenvolvimento artístico – que o teólogo desenvolveu no manejo do órgão. Poucas semanas depois de seu nascimento, o Dr. Schweitzer recebeu uma nomeação pastoral para Günsbach, cuja comunidade pastoreou até a sua morte em 1925, sendo precedida da esposa, atropelada por um comboio militar alemão em 1916. Foi nessa região que o futuro teólogo viveria até a juventude.

A região da Alsácia fornece muitas pistas acerca da formação e inclinações intelectuais e artísticas de Schweitzer. Por quase mil anos a Alsácia foi parte do Sacro Império Romano Germânico, o que explica a razão de grande parte da população local usar o alemão como primeira língua, revezando-a com o francês. Em 1681 foi anexada por Luiz XIV à França, permanecendo território francês até que a vitória da Prússia na guerra que esta travou contra a França (1870 – 1871) transferiu esse território, junto com uma parte da Lorena, para o Reich Alemão, situação essa que perdura até 1919 quando, pelo Tratado de Versalhes que consumou a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, o território volta ao poder da França. Com o armistício de Compiègne (1940) que selou a derrota total da França no começo da Segunda Guerra Mundial, a Alsácia volta à suserania alemã, assim permanecendo até 1944 quando de novo é retomada pelos franceses. Desse modo, ao longo de sua vida, o teólogo testemunhou nada menos do que quatro mudanças políticas no governo alsaciano que tiveram reflexos profundos não apenas na sociedade, mas também na educação e cultura e ainda, no caso em questão, da sua produção teológica. Contudo, a exemplo de seu conterrâneo Spener, po-

de-se perceber na obra de Albert Schweitzer influências tanto do meio cultural alemão com todo o seu racionalismo idealista, como do francês com sua longa tradição literária e artística a influenciar o mundo ocidental desde o Iluminismo.

Albert Schweitzer iniciou seus estudos numa escola primária em Günsbach, seguindo depois para a *Realschule* (escola secundária que não ensina línguas clássicas) de Munster de onde se transferiu para Mülhausen (Alsácia) onde teve seu primeiro contato com um órgão, e com a música de Johann Sebastian Bach de quem seria um dos intérpretes mais fiéis, por meio do organista da Igreja Reformada de Sto Estevão de Mülhausen, Eugen Münch, de quem se tornou discípulo e amigo e para quem dedicou um belo panegírico por ocasião de sua morte, em 1898. Foi também nesse ginásio que começou a estudar latim e grego ao mesmo tempo em que, por outro lado, graças à gentileza de parentes do seu pai que viviam em Páris, pôde também realizar uma temporada de estudos com o grande organista da Notre Dame Charles Marie Widor que lhe deram, conforme reconhece, um melhor domínio da técnica e da estética do instrumento [1]. A amizade de Widor, a paixão pelo órgão e pela música de Bach, serão as três alegrias que se revezarão na vida do teólogo pelo resto da sua existência.

A universidade: A Busca do Jesus Histórico

Em fins de 1893, Schweitzer ingressa na Universidade de Estrasburgo onde estuda, simultaneamente, Teologia e Filosofia, e dos anos que estudou naquela egrégia instituição, ficaram poderosas lembranças.

A universidade de Estrasburgo achava-se então em pleno esplendor. Desligados de tradições docentes e discentes porfiavam em realizar o ideal de uma escola superior moderna. Havia só uns poucos professores idosos no seu corpo docente. Em tudo soprava um ar juvenil. (...) quão grato me sentia pela circunstância de que a Universidade alemã não tutela os estudantes nos seus estudos e não lhes faz

perder o fôlego de constantes exames, como é o caso em outros países, facultando assim (...) a possibilidade de um trabalho científico independente! **[2]**

Esse elogio da universidade alemã e do pensamento alemão, particularmente no que tange à Teologia, reaparecerá mais tarde em seu livro sobre o Jesus Histórico:

*Quando, em algum tempo no futuro, nosso período da civilização estiver fechado e completo perante os olhos das gerações vindouras, a teologia alemã se destacará como um fenômeno único e espiritual de nosso tempo. Pois em nenhuma parte, e não ser no temperamento alemão, pode-se encontrar com a mesma perfeição o complexo vivo de condições e fatores – de pensamento filosófico, agudeza crítica, visão histórica e sentimento religioso – sem os quais nenhuma teologia é possível. E a maior conquista da teologia alemã é a investigação crítica acerca da vida de Jesus. O que ela conseguiu até aqui estabeleceu as condições e determinou o curso do pensamento religioso do futuro. (...) ao descrever como as ideias de Jesus foram apropriadas pelo pensamento grego, ela traçou o desenvolvimento daquilo que necessariamente deveria tornar-se estranho para nós e, de fato, tornou-se estranho para nós.***[3]**

Bem diversa foi a sua impressão da universidade francesa para onde se transferiu em 1898 em parte, para poder continuar os estudos de órgão com Widor, tendo guardado péssima impressão do ensino ministrado na Sorbonne (a Faculdade de Teologia Evangélica se saía bem melhor) **[4]**. No curso teológico o contato com a teologia liberal se deu do começo ao fim. O exegeta neotestamentário Holtzmann; os dogmáticos Julius Kaftan (posteriormente professor de Bultmann) e Paul Lobstein, discípulo de Ritschl e o historiador da Igreja Adolf von Harnack entre outros da mesma constelação, davam o tom das aulas e no momento de fazer os exames teológicos, veio o contato decisivo com a teologia de Friedrich Schleiermacher. Porém, além da Teologia

Liberal, o que demonstrou interesse crescente do estudante de Teologia ao longo do curso – e um interesse que apenas irá crescer nos anos seguintes – foi aquele concernente ao do chamado Jesus Histórico.

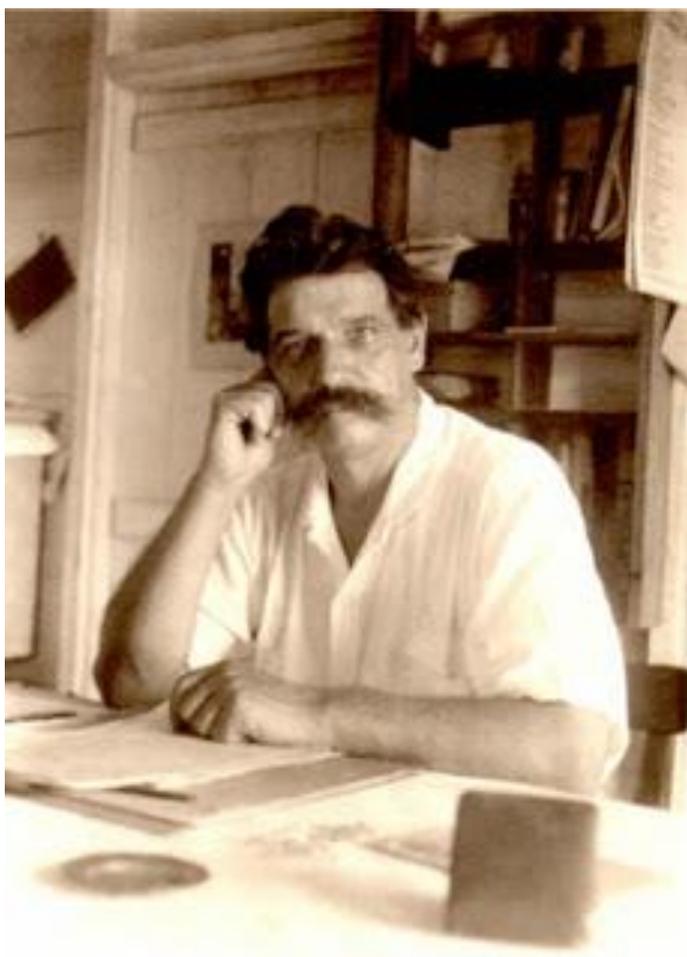


Universidade de Estrasburgo (França) onde Albert Schweitzer estudou na época em que a Alsácia fazia parte da Alemanha

Não que ele fosse o iniciador da questão, pelo contrário: Entre Hermann Reimarus (século XVIII) e Wilhelm Wrede (1904), um século e meio se passou durante o qual diferentes autores de várias nacionalidades dedicaram estudos de caráter biográfico (ou, como se evidenciaria a partir de então, presuntivamente biográficos), sobre a vida e ao ministério de Jesus. Essa pesquisa que mudou a face da Teologia do século XIX produziu uma das polêmicas mais violentas e inconclusas já geradas na história do pensamento teológico moderno, e na qual as Ciências Humanas – a História, a Filosofia, a Sociologia, a Filologia e a Psicologia – acharam ser possível uma reconstituição da vida de Jesus a partir dos dados encontrados em sua época. Várias

reconstituições foram tentadas ao longo desse período, partindo ora de Marcos (Weisse) ou dos sinóticos (Bauer), ora de Mateus (Strauss) ou de João (Weiss), ora buscando relações entre o ministério de Jesus Cristo e o judaísmo palestino por meio da reconstituição linguística (Bolden, Gunkel, Lietzmann, etc), ou mesmo vinculações com o budismo (Max Müller) cada qual produzindo com isso uma visão de Jesus mais contraditória que a outra: a mítica (Strauss), a romântica (Renan), a pré-concebida de acordo com a leitura atualizada do século XIX (Bauer), a escatológica (Weiss) e a cética (Wrede). Os milagres são desacreditados totalmente, ora explicados como mitos e lendas (Strauss, Bauer), ora justificados pelas interpretações científicas mais escalafobéticas (Paul de Règlà) Muitas vidas de Jesus eram claramente produto de ficção (August Friedrich Gfrörer) e vários tomavam conclusões arbitrárias com relação às fontes sendo suas conclusões rechaçadas em sua própria época (caso de Bauer que atribuía as cartas paulinas ao segundo século e de Friedrich Wilhelm Ghillany que considerava Mateus posterior a Lucas e o Evangelho de João uma fraude, e que viveu ainda para ver suas teses serem destruídas pela pesquisa exegética feita pela Escola de Tübingen; e finalmente, do próprio Strauss cujo desprezo manifesto a João desacreditou sua obra mais tarde). Uma das poucas conclusões positivas extraídas desse debate foi realçar claramente a importância contundente dos evangelhos como um todo em qualquer investigação séria que se queira fazer sobre a vida de Jesus. Outra, não menos importante, foi dimensionar o papel de João em relação aos evangelhos sinóticos, algo que Strauss (como também Weiss) ignorou totalmente e lhe foi bastante prejudicial. A terceira conclusão – e essa é o viés que orienta toda a razão de ser da principal obra de Schweitzer – é que não se poderia avançar muito além disso, pois os evangelhos de resto, não são uma narrativa biográfica, e portanto, não poderiam subsidiar pesquisas dessa monta.

Schweitzer, médico na África Equatorial. Década de 20.



De acordo com Albert Schweitzer, a questão surgiu de sua leitura de Mateus 10 onde, conforme a sua leitura do texto, os acontecimentos relatados – sofrimento dos apóstolos (10.16-19) e a destruição das cidades impenitentes (Mateus 11.20-24) não se concretizaram, e sua interpretação de Mateus 11.2-6) já não corrobora a tese, encampada até por Holtzmann, de que o texto não se refere à Jesus, mas àquele que o precederia, o esperado precursor do Messias, o Elias.[5] Assim, para o teólogo, nem os discípulos consideravam Jesus

o Messias, nem o próprio Jesus assumia essa reivindicação. De toda essa lucubração, ficara uma certeza pelo menos: a exegese das palavras e dos atos de Jesus não podia proporcionar uma solução para a resposta a essa pergunta, sendo necessário que se buscasse a solução para essa pergunta, na interpretação dos discursos de Jesus por ocasião da missão dos discípulos e da pergunta do Batista encarcerado, bem como no seu comportamento após o regresso dos discípulos [6]. A pesquisa histórica sobre Jesus precisaria voltar às fontes sinóticas para responder a esses problemas [7].

Schweitzer médico na África Equatorial, anos 60

Para Schweitzer, a rejeição do cristianismo primevo ao Jesus Histórico foi e é a causa condicionante de toda a pesquisa que se fez subsequentemente, não haveria vidas de Jesus e nem mesmo uma busca do Jesus Histórico se os evangelhos ou as epístolas fornecessem pistas mais precisas sobre sua vida, ministério, etc. o *cristianismo primitivo estava, portanto, certo em*



viver no futuro com o Cristo que estava por vir, e em preservar do Jesus Histórico apenas ditos isolados, alguns milagres, sua morte e ressurreição [8]. Assim, para Schweitzer, o mundo grego prestou um desserviço para fé ao não guardar o Jesus Histórico e daí a função da Teologia, como História, deveria ser o resgate histórico do Cristo visto pela História e sua relação com sua sociedade e com a História do seu tempo, e finalmente contra o próprio dogma de forma a que Cristo pudesse ser apresentado de forma crível e acessível ao nosso tempo [9]. É verdade que nessa luta perderam-se carreiras notáveis (Strauss, Bauer, Ghillany) e outros preferiram o silêncio em vida para não vir prejudicar suas famílias ou para se pouparem de discussões infundáveis (Reimarus). Todavia, a tarefa que esses homens se impuseram, mesmo sendo das mais ingentes, precisava ser feita, e ao se fazê-lo, duas coisas precisariam ser consideradas: a) a pesquisa histórica não tinha como avançar além dos evangelhos que eram as únicas fontes historicamente críveis e b) no processo de reconstituição histórica os estudiosos deveriam se ativer exclusivamente aos enunciados das fontes a partir dos elementos estabelecidos por elas e tomar suas conclusões a

partir delas. Esse foi o erro da Escola Alemã, pois em sua tentativa de reconstituir a vida do Jesus histórico, o que se fez foi associá-lo ora a um sistema filosófico (Strauss, Bauer), ora ao Romantismo (Renan), ora ao idealismo alemão (Holtzmann, Schenkel, Weizsäcker e até Weisse). Por fim, a manifesta inabilidade com relação ao tratamento histórico dado às fontes evidenciou não somente o despreparo diante do tema, mas até mesmo as limitações com que a pesquisa histórica do período foi obrigada a tratar o assunto, como diz Schweitzer em relação à obra de Reimarus: *a ciência histórica daquele tempo não estava suficientemente avançada para guiar nem mesmo o homem que havia adivinhado o caráter fundamentalmente escatológico da pregação de Jesus adiante para a solução histórica do problema; foram necessários mais de cento e vinte e cinco anos para preencher o abismo que Reimarus foi obrigado a cobrir com sua hipótese paliativa***[10]**. É também o problema verificado na obra de Wrede que desprezava solenemente a tradição e se esquecia de que toda a tradição relaciona elementos históricos genuínos **[11]**, além de evidenciar a impossibilidade de se eliminar o chamamento messiânico da mensagem e mesmo da própria vida de Jesus, bem como a impossibilidade de se conceber uma Vida de Jesus apenas baseado nas fontes fornecidas por Marcos, como ele mesmo reconheceria em 190, invalidando assim toda a pesquisa anterior que teve por base esse evangelho, como Schweitzer e outros depois dele perceberam **[12]**. O resultado contraditório e inconclusivo de mais de um século e meio de pesquisas é deprimente:

Aqueles que gostam de falar sobre teologia negativa podem encontrar suas justificativas aqui. Não há nada mais negativo do que o estudo crítico da vida de Jesus (...) o estudo da vida de Jesus tem tido uma história curiosa. Esse pôs-se a caminho da questão do Jesus Histórico, crendo que, quando o tivesse encontrado poderia trazê-lo facilmente para nosso tempo como um mestre e salvador (...). O que surpreendeu e causou espanto à teologia dos últimos quarenta anos [1860 – 1900] foi que, a despeito de toda interpretação forçada e arbitrária, ela não poderia mantê-lo em nosso tempo e teve que deixá-lo partir. Ela retornou ao seu próprio tempo não em virtude da aplica-

*ção de qualquer ingenuidade histórica, mas pela necessidade inevitável pela qual o pêndulo liberado retorna à sua posição original. (...). Jesus significa algo para nosso tempo porque uma força espiritual jorra dele e flui através de nosso próprio tempo. Este fato não pode ser abalado nem confirmado por nenhuma descoberta histórica. Isto é o sólido fundamento do cristianismo.***[13]**

A importância da obra de Schweitzer para a Teologia do século XX, todavia, não pode ser mensurada clinicamente pelo fracasso, mas pela impossibilidade histórica da descrição de um evento para o qual ela não pode levantar elementos subsidiários uma vez que os evangelhos ela contesta e o dogma não faria parte da construção referencial igreja primitiva em relação à fé, mas tão somente uma adição do mundo grego, como a pesquisa realizada pelos antecessores de Schweitzer insinuaram tantas vezes. O mérito da obra de Schweitzer é admitir o fracasso da reconstrução histórica de Jesus sem medos ou culpas e reconhecer que apenas a leitura da comunidade primitiva nos dá as chaves de quem foi de fato o Crucificado.

A decisão de ir para a África

Depois de se doutorar em Filosofia com uma tese sobre *A Filosofia da Religião em Kant desde a Crítica da Razão Pura até A Religião dentro dos Limites da Simples Razão*, em 1900, e em Teologia com a tese sobre o Problema da Última Ceia, seguindo-se a tese sobre o *Mistério da Paixão e da Messianidade de Jesus* (ambas de 1902) para a habilitação docente, Schweitzer foi nomeado *privatdozent* da Faculdade de Teologia da Universidade de Estrasburgo, embora já exercesse função análoga na Faculdade de Filosofia já houvesse dois anos. Por essa época, Schweitzer também já exercia funções pastorais na Igreja de S.Nicolau na mesma cidade, primeiro como vigário praticante, passando depois a regular após sua aprovação no primeiro exame de Teologia, e, além disso, prosseguia ininterruptamente seus estudos do órgão e da música de Bach visando cada vez mais um domínio

perfeito da técnica de reprodução. Estava, portanto, antes de completar trinta anos, com sua vida profissional totalmente assegurada, lecionando em duas faculdades de uma universidade influente e ainda exercendo atividade pastoral (pregações e aulas preparatórias para a confirmação) numa igreja tradicional. Então, em 1906 – o ano da publicação de *A Busca do Jesus Histórico* – a grande virada em sua vida: Schweitzer decide voltar à universidade, desta vez para cursar Medicina, com a decisão de exercer atividade humanitária na África. Como e por que se deu isso?

O próprio Schweitzer reconhece o estranhamento que causou entre muitos sua repentina decisão: *eu era professor da Universidade de Estrasburgo, organista e escritor. Como e por que larguei tudo isso para me tornar médico na África Equatorial?* **[14]** E oferece algumas respostas para essa atitude extremada.

Lera diversos escritos e ouvira testemunhos de missionários revelando a miséria física dos indígenas das selvas. E quanto mais refletia nisso, menos conseguia compreender como era que nós, europeus, nos preocupávamos tão pouco com a grande tarefa humanitária que nos incube nessas regiões longínquas. Parecia-me que a parábola do opulento mau e do pobre leproso se aplicava bem ao caso. O opulento mau seríamos nós. Os progressos da medicina puseram à nossa disposição grande número de conhecimentos e de processos eficazes contra a doença e a dor física (...) o pobre leproso é o homem de cor, lá nas colônias. Conhece tanto, ou mesmo bem mais do que nós a doença e o sofrimento. Todavia, não dispõe de nenhum meio para combatê-los e nós agimos como o opulento mau, cuja indiferença para o pobre sentado no seu patamar era um pecado, pois o rico não se punha no lugar do seu semelhante e bem deixava que o próprio coração se enternecesse **[15]**.

No livro que relata suas vivências de juventude e sua formação, o teólogo ainda acrescenta outras informações. Segundo ele, desde 1896 parecia já aceitar a felicidade do mundo como coisa transitória

e que deveria pagar o seu tributo por tanto conforto e tranquilidade. E nesse momento decidiu-se que quando fizesse trinta anos deixaria todas as suas atribuições para se dedicar completamente ao trabalho pelo próximo [16]. Crianças abandonadas, vagabundos e condenados foram objetos de sua atenção durante algum tempo, mas sem sucesso até que, em 1904 encontrou um folheto da Sociedade Missionária de Páris que falava sobre a situação precária que vivia a missão sustentada por essa sociedade na colônia francesa do Congo e suplicava desesperado que àquela missão acessem *homens que respondam simplesmente ao aceno do Mestre com estas palavras: “senhor, ponho-me a caminho! (...) terminada a leitura, retomei calmamente ao trabalho. A minha busca chegara ao fim [17].*

Como Paul Tillich, Karl Barth e Emil Brunner, Albert Schweitzer foi profundamente impactado em sua teologia e visão de mundo pela Primeira Guerra Mundial. Abaixo, fotos do conflito em território francês. Na foto colorida, oficiais alemães diante de uma igreja bombardeada c.1918. Foto de Franz Hildenbrandt publicada na *Der Spiegel* (11/11/2008). Na foto em preto-e-branco, comboio de tropas norte-americanas atravessa Chateau-Thirrey, liberada pelo exército dos Estados Unidos em julho de 1918.



Obviamente a reação de amigos e parentes à sua decisão foi totalmente desfavorável, para não dizer hostil. O espírito moderno, segundo Schweitzer, animava a civilização europeia segura e feliz com suas conquistas científicas, sem lhe

permitir olhar para os lados e contemplar as necessidades alheias, muito próximas do seu mundo tranquilo e bucólico. Mas a atitude dos

seus colegas do círculo teológico foi, de todas, a que mais o deixara indignado. E é impressionante perceber que embora fosse teologicamente identificado com a Teologia Liberal e não aceitasse a autoconsciência messiânica de Jesus, Albert Schweitzer teve um senso de chamado à sua nova função no mundo de maneira quase mística: *achei particularmente fora de propósito o fato de se destacarem nesse sentido (de demovê-lo de ir para a África) justamente alguns amigos teólogos, pois todos eles já teriam proferido belas ou até belíssimas prédicas sobre as palavras do apóstolo Paulo na epístola aos Gálatas, onde lemos que ele não consultara primeiro a carne e o sangue (Gálatas 1.15) sobre aquilo que pretendia fazer por Jesus [18].* Outra decisão de Schweitzer foi a de se decidir de ir para a África como médico e não como missionário. *Queria tornar-me médico para poder agir mesmo sem palavras. Durante anos seguidos eu me realizara através das palavras. Com alegria me dedicara à profissão de lente de Teologia e de pregador. A nova atividade, porém, não consistiria em falar sobre a religião da caridade, mas da realização da mesma, pura e simplesmente. Os conhecimentos médicos me permitiriam essa intenção da maneira melhor e mais ampla, para onde quer que me conduzisse o caminho do serviço ao próximo [19].*

Queria atuar por razões humanitárias e não missionárias, mesmo porque, achava bastante complicado, por conta de suas ideias teológicas, que sociedade missionária de qualquer confissão o enviasse para o campo. De fato, embora se sentisse inclinado pela Sociedade Missionária de Paris, o bureau levantou uma resistência tão violenta à sua nomeação que quando declarou que pretendia ir apenas como médico causou no seu diretor, o missionário Boegner, um alívio inenarrável [20].



Por fim, restava a escolha do lugar. No começo do século XX a quase totalidade do continente africano, com exceção

da Etiópia e da Libéria, havia sido fatiada e transformada em zonas de colonização e fornecimento de matérias-primas pelas principais potências europeias, sobretudo a França e a Inglaterra, e a Sociedade Missionária de Páris operava prioritariamente nas zonas controladas pelo governo francês, particularmente na África Equatorial. Foi-lhe oferecido o posto médico na missão organizada pela sociedade missionária francesa às margens do Rio Ogowe, um entreposto madeireiro perto de Lambaréné, no Gabão francês com população branca, na época de duzentas pessoas, formada basicamente de comerciantes de madeira, missionários e oficiais. A missão, na verdade, era bem mais antiga, tendo sido fundada por missionários dos Estados Unidos por volta de 1860, sendo também eles os responsáveis pela abertura de um posto médico no local em 1876, mas passou para o controle da Sociedade Missionária Evangélica de Páris depois que os franceses ocuparam a região na década de 1880 [21]. Schweitzer, que realizou o curso de Medicina na Universidade de Estrasburgo com bastante dificuldade por conta de suas atividades como músico e pregador, doutorou-se em 1912, ano em que também se casou com Helene Bresslau, filha de um historiador daquela mesma instituição e que fez um curso de enfermagem para auxiliá-lo quando da necessidade de operações; e para custear as despesas iniciais do projeto, deu concertos de órgão por toda a Europa, além de receber estípedios de amigos ou filantropos. Em 1913 ele estava plenamente preparado para viver o seu projeto de vida.

Atividades na África: Entre a Água e a Selva e Decadência e Regeneração da Cultura

Além de teólogo, filósofo e médico, Schweitzer também foi músico, se destacando como um dos grandes organistas de seu tempo e financiando suas atividades na África por meio dos seus concertos (Schweitzer num recital de órgão, década de 20)



Albert Schweitzer viveu sua atividade humanitária como médico na África Equatorial em três oportunidades. A primeira, de 1913 a 1917, a segunda, de 1924 até 1927, e a terceira de 1929 até sua morte em 1965. Apesar do clima político enviesado nas relações franco-alemãs, Schweitzer seguiu para a África assim mesmo. Suas impressões ideias acerca da África são bastante curiosas. Por um lado, via a sociedade negra como atrasada e dependente do auxílio do homem branco para seu desenvol-

vimento, e o uso dos termos primitivos ou semiprimitivos que aparecem em suas obras sobre o assunto apenas reforçam essa impressão, embora, por outro lado, não se possa configurar nesse pensamento qualquer teor racista. Por outro, reconhecia em determinados aspectos de sua organização um poderoso fator de denuncia contra a decadência do mundo europeu supostamente civilizado, especialmente por conta de sua própria experiência de vida em decorrência das duas guerras mundiais que vivenciou. Embora reconheça que a Europa vive um processo de degradação e decadência cultural que a guerra de 1914 – 1918 apenas acentuou, por outro, verifica que o mundo africano não consegue, por si mesmo, condições político-econômicas que lhe insuflam o sucesso de uma sociedade autônoma bem sucedida e que a tarefa da Europa seria, nesse sentido, educar o nativo a encontrar a chave do sucesso e da viabilidade do seu projeto de nação. Mas ao defender a ideia de que os nativos deveriam se voltar aos seus próprios recursos e viverem deles, o teólogo e médico também se aproxima dos movimentos nacionalistas africanos que depois da guerra se voltarão à exploração autônoma dessas energias para realizarem seu projeto político de emancipação.

Para Schweitzer o colonialismo europeu era preferível à escravidão dos nativos pelos seus próprios chefes, corrompidos pelo comércio mundial instilado pelos europeus e que transformara os poten-

tados locais em escravos do luxo e poder, capazes de escravizar seus próprios povos a fim de se locupletarem com vantagens pecuniárias. Sobretudo a importação do álcool representava um perigo para as sociedades nativas e o médico faz coro, junto com os funcionários da administração civil e militar, de que ela deveria ser simplesmente proibida [22]. Sem dúvida reconhecia crimes cometidos pelos europeus e *disso somos todos culpados (...), entretanto, a ideia de devolver aos homens coloniais primitivos ou semiprimitivos uma autonomia que se transformaria inevitavelmente numa escravização pelos seus iguais, não significaria uma reparação de nossos erros cometidos contra eles. Só é viável o caminho que consiste em exercermos o domínio em prol dos nativos, transformando-os assim num domínio moralmente justificado. O próprio "imperialismo" até hoje praticado pode aduzir em sua defesa um certo valor ético: pôs termo ao tráfico de escravos [23].* Schweitzer entende que o melhor seria que os africanos pudessem voltar ao seu anterior modo de produção, totalmente segregados do comércio mundial, segundo ele o maior responsável pela degradação geral da região, e desse modo alcançassem total autonomia produzindo e explorando sua própria riqueza, mas naquela altura do desenvolvimento do imperialismo colonial, isto era impossível [24].

Albert Schweitzer laureado com o Nobel da Paz (1952)

Outra coisa que chama atenção é a visão que o médico tem da vida e da sociedade dos nativos que não perpassa tão facilmente a visão europeia tradicional do começo do século XX de olhar esses povos do alto. Enquanto para o europeu o nativo é um preguiçoso, para Schweitzer ele é um trabalhador que tem apenas uma visão distinta do mundo do trabalho que não perpassa relações de produção, jornada de trabalho, salário, etc. ele desconhece a luta pela subsistência, logo, a agricultura de



subsistência e a pesca suprem todas as necessidades. Esse é o seu mundo do trabalho [25]. A poligamia também representava um problema cultural sério com o qual os missionários teriam de aprender a lidar. Os missionários desembarcam com o discurso monigâmico e freqüentemente pedem às autoridades leis contra a poligamia, mas como combater com uma lei colonial um regime que está alicerçado na própria vida social e econômica desses povos? Além disso, por conta da poligamia, não se conhecia nas sociedades nativas viúvas que vivessem em estado de abandono já que o parente mais distante do marido herda também a viúva e, conseqüentemente, as responsabilidades de sustentá-la com seus filhos. Para o médico, a melhora das condições sociais favorece a luta contra a poligamia, lembrando ainda que na Bíblia o costume vigorava no Antigo Testamento, mas que no tempo de Jesus havia já sido abolido. Desse modo, ele entende que o desaparecimento da poligamia se realizaria por meio de um processo evolutivo de desenvolvimento das ações sociais, devendo-se proibir qualquer tentativa do Estado de proibi-la por meio de ações legais [26].

As relações sociais também foram objeto de uma análise atenta do médico. Em 1915 chegou ao Ogoval a notícia de que, dentre os cidadãos brancos que haviam voltado para a França para cumprir suas responsabilidades militares, dez já haviam tombado. Um dos nativos então comentou: *“dez homens daqui já morreram na guerra! Mas por que é que as tribos de lá não se reúnem para acomodar essa brigada? Como é que vão poder pagar por tantos mortos?”* isso porque entre os nativos da região era costume de vencedores e vencidos pagarem à facção adversária indenização pelos tombados em combate [27]. O conceito de guerra dos nativos, contraposto à beligerância europeia, colocava definitivamente em xeque, para Albert Schweitzer, o mito da civilização europeia.

Hospital de Lambaréné no Gabão



O conflito europeu de fato causou um grande embaraço em seu projeto de atuar como médico na selva africana. Até 1914, de acordo com o que relata em *Entre a Água e a Selva*, suas atividades eram imensas, abrangendo desde simples extrações de dentes até complicadas operações decorrentes de hérnias e o atendimento de disenterias amebianas e por ser o único médico numa extensão de centenas de quilômetros, ficando sobrecarregado de trabalho. Essa intensa e febril atividade foi abruptamente interrompida com a deflagração das hostilidades franco-alemãs (04 de agosto de 1914) e a posterior entrada da Inglaterra no conflito, por conta da violação da neutralidade belga pelo exército alemão. Por ser súdito alemão, Schweitzer e sua esposa foram colocados em quarentena e num primeiro momento impedidos de clinicar, após o que puderam retomar a clínica com liberdade vigiada. Perceberam os franceses que melhor ter um médico alemão sob controle naquela selva do que não ter médico nenhum. Em Lambaréné Albert Schweitzer permaneceu até meados de 1917 quando foi transferido para o interior da França, ali ficando até a primavera do ano seguinte quando foi ele e sua esposa foram devolvidos a Alemanha numa troca de prisioneiros. Durante esses anos, impactado pela guerra [28], Schweitzer começou um projeto de escrever um estudo sobre a decadência da cultura, na qual dedicou boa parte de suas energias nos anos seguintes. O esboço inicial ainda do período de Estrasburgo (1900) seria então retomado e ampliado nos anos de atividade médica na África.

Segundo Schweitzer, a guerra de 1914 – 1918 não é a causa da decadência geral da cultura ocidental, mas tão somente um reflexo dela. São as situações criadas em decorrência das tensões espirituais fizeram com que esse processo apenas se acelerasse; e a história do pensamento e da cultura cometeu um erro crasso de não avaliar o efeito que já se verificava dessa decadência na gênese da própria cultura, limitando-se a analisá-la apenas como um processo histórico evolutivo [29]. Para Schweitzer, a filosofia racionalista do Iluminismo e do começo do século XIX, sobretudo Fichte, Kant e Hegel, era uma ciência dedicada à concepção integral de mundo, formulada a partir da reflexão filosófica sobre o homem, a sociedade, o povo, a humanidade e a cultura. Esses filósofos *aceitavam a concepção moral racionalista do mundo, procuravam fundar uma equivalente concepção integral do mundo, de feição otimista, por vias especulativas, isto é, mediante considerações lógicas da teoria do conhecimento, no tocante ao Ser e suas relações com o mundo* [30]. O século XIX, no entanto, assiste uma ruptura desse mundo em que a reflexão filosófica buscava cada vez mais ansiosamente a espiritualidade integral, por meio do repentino desabrochar das ciências naturais que, *tomadas de brio, numa invulgar exaltação de ânimo diante das verdadeiras manifestações da realidade, começaram a destruir esse legado da filosofia racional e idealista. Sem uma filosofia integral de mundo que conciliasse a moralidade e o idealismo, o mundo descambou rapidamente para o abismo*[31]. Não exercendo mais influência alguma junto à opinião pública, o espírito criativo se apartou da filosofia ao ponto de tal de terminar-se o século diante da horrível situação de viver-se a realidade de uma filosofia sem ideias, sem nenhum espírito criativo [32]. Uma filosofia que entrasse no âmago dos problemas sociais e das demandas espirituais do seu tempo é a maior necessidade do homem moderno, mas precisamente nesse momento essa forma de filosofia deixa de ser produzida e o maior impacto a ser sentido se deu principalmente no campo da cultura, isto, não obstante a sua pretensão de ser uma ciência integral no tempo e sociedade. Ora, a mecanização da sociedade e o subsequente otimismo progressista do começo do século XX haviam removido toda substância espiritual da sociedade civilizada europeia, de modo que ao fenô-

meno da filosofia sem idéias, seguiu-se também a de uma sociedade sem nenhuma referência cultural **[33]**.

Desse modo, a falência do pensamento, a incapacidade do homem moderno de produzir um sistema de pensamento integral, é a causa preponderante – embora não a única – da decadência da cultura. A escravização do homem pelo trabalho, impondo sobre si um domínio que se torna jugo de fato, está relacionada à questão do domínio cada vez maior do mundo material sobre o espiritual, ao ponto de o primeiro estiolar totalmente a vontade do segundo. O mundo do trabalho, longe de suprir as necessidades do homem está esmorecendo cada vez mais as suas forças anulando completamente qualquer possibilidade de um esforço espiritual para transcender os seus limites **[34]**. Em alguns momentos, seu vaticínio ainda se mostra terrivelmente atual:

*A que ponto esse vazío de ideias do homem na atualidade chegou a formar nele uma segunda natureza, revela-o a sociabilidade que pratica. Onde quer que tenha oportunidade de conversar com seu semelhante faz todo o possível para não se afastar do terreno das generalidades, de modo a não entrar numa verdadeira troca de ideias. Não possuindo nada mais que possa chamar de seu, é cruelmente torturado por uma espécie de fobia, medo de que alguém venha a exigir dele algo que lhe seja próprio **[35]**.*

Para Schweitzer, a racionalização do trabalho com a progressiva otimização da produção e distribuição cada vez mais racional das funções, configuraram numa maior eficiência dos processos, mas seu impacto na vida espiritual das pessoas foi trágico, ao ponto de o trabalhador do século XX compreender menos do seu ofício do que o do século XIX ou de outros momentos ainda mais remotos, afora que, o indivíduo se tornou um sujeito se tornou um personagem desprovido até do mais elementar dom criativo **[36]** e mesmo a própria personalidade, perdida no meio da multidão **[37]** e além de tudo é desprovido de qualquer capacidade de formular até mesmo um julgamento mo-

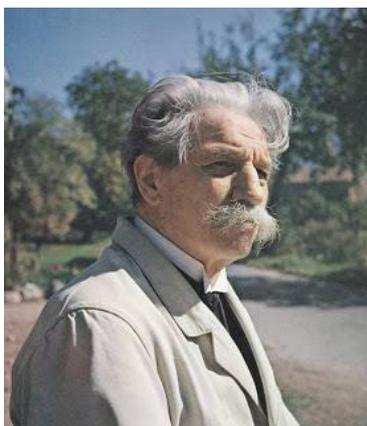
ral próprio [38]. Sem certeza quanto à verdade – não se pode pensar o significado da verdade se nem ao menos somos capazes de fazer uma reflexão mais profunda – a saúde espiritual de toda uma geração está em crise e a guerra – a única resposta que pode ser dada em sociedades que não conseguem resolver suas tensões por meio do diálogo – é a consequência mais natural. Enquanto o movimento do progresso foi ditado por uma articulação entre as forças morais, espirituais e materiais, a cultura viveu um florescimento sem precedentes, mais precisamente do momento histórico que vai do Renascimento ao Romantismo. Quando essa caminhada paralela virou ruptura, o processo foi cortado e sobreveio a crise, e com ela a guerra e a ruína da cultura [39].

Em 11 de novembro de 1918 o Reich alemão assinou a Paz com os aliados em Compiègne, encerrando-se com isso quatro anos de guerra medonha que devastaram boa parte da Europa de Leste a Oeste. No mês seguinte, Estrasburgo é ocupada pelo exército francês e, com o Tratado de Versalhes a Alsácia retorna à suserania francesa. Schweitzer permanece em Estrasburgo nesses anos, apenas saindo eventualmente para proferir conferências, como as que realizou na Suécia, na Universidade de Upsala, com base no material escrito na África, e que virariam a matéria prima da sua *Decadência e Regeneração da Cultura*, publicado em 1923, dois anos após a primeira edição – em sueco – do relato de Schweitzer sobre sua experiência na África Equatorial.

O retorno à África: O Misticismo de Paulo Apóstolo e o Nobel da Paz

Nos anos que se seguiram ao término da guerra, Albert Schweitzer realizou palestras na Suécia, Inglaterra e Suíça sobre Decadência da Cultura e Ética e suas experiências como médico na África, além de trabalhar no Hospital de Estrasburgo e, além de tudo isso, reassumindo suas funções de pregador na Igreja de S.Nicolau. Como tivesse assumido muitas dívidas em decorrência da montagem das instalações

do hospital em Lambaréné, começou a realizar concertos de órgão por toda a Europa, angariando fundos para o reaparelhamento do hospital em seu posterior retorno à África, além de receber, como dez anos antes, contribuições de filantropos e amigos de toda parte. Em 1924 retorna a Lambaréné, agora como cidadão francês, e realiza ampla reestruturação do hospital de Lambaréné agora contando com o apoio de médicos e enfermeiros estrangeiros para auxiliá-lo na sua atividade. Retorna à Europa em 1927 para novas temporadas de concertos de órgão por todo continente e, desse modo, angariar mais fundos para o Hospital cujas funções reassumiu dois anos depois para não deixar mais. É no período entre a sua última passagem pela Europa e o retorno definitivo para a África que Schweitzer irá conceber sua última grande contribuição para a Teologia: O Misticismo de Paulo Apóstolo. Para Schweitzer, Paulo reconhece na morte e ressurreição de Jesus começa a *transmutação do terrestre no sobre terrestre* [40] sendo que a comunhão com Cristo passa a ter um poderoso componente ético. É esse espírito, mais poderoso que os êxtases, que os cristãos possuem no momento em que assumem sua comunhão com Cristo e os arrastam para fora do mundo. *A suprema comprovação do espírito (de Cristo) é a caridade. A caridade é o eterno que os homens, desde já, podem possuir tal como é em si. Desta maneira, na mística escatológica da comunhão com Cristo, toda metafísica tem sentido ético. A supremacia do ético na religião define-a Paulo definitivamente nesta palavra: “agora, porém, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três: a caridade, porém, é a maior dentre elas” (I Coríntios 13.13). Através de sua atividade que consiste em servir sempre, Paulo demonstra essa concepção ética em Cristo.* [41]



Albert Schweitzer. Anos 60

Quanto ao Hospital, esse logo se transformou num centro de referência de doenças e anomalias tropicais, atraindo caravanas de cientistas e médicos de todas as partes do mundo que, periodicamente, foram se revezar com Albert Schweitzer no atendimento das

necessidades das populações locais [42]. Pelo alcance humanitário desse hospital atendendo uma grande variedade de populações, e pela própria natureza altruísta e humanitária do seu projeto, Schweitzer seria ainda agraciado com o Prêmio Nobel da Paz de 1952. Nos últimos anos, impactado pela utilização da energia atômica para fins militares, no fim da Segunda Guerra Mundial, realiza várias conferências destinadas a alertar os perigos da corrida armamentista e a ameaça real que pairava sobre a Europa a possibilidade de uma nova e ainda mais devastadora guerra que punha em perigo não mais apenas a civilização, mas a própria existência da espécie humana [43]. Em 04 de setembro de 1965, aos noventa anos, morre em Lambarné em pleno exercício de suas atividades.

NOTAS:

[1] SCHWEITZER Albert. Minha Vida e Minhas Ideias, p. 12 – 13. As demais referências desse período estão também nessa obra, especialmente as pgs. 9 a 30.

[2] Ibidem, p. 13 e 17.

[3] SCHWEITZER Albert. A Busca do Jesus Histórico, p. 11.

[4] SCHWEITZER Albert. Minha Vida e Minhas Ideias, p. 24

[5] Ibidem, p. 15.

[6] Ibidem, p. 17.

[7] É importante salientar que as conclusões de Albert Schweitzer ainda hoje são aceitas em boa parte, com pequenas alterações, pela maioria dos exegetas neotestamentários, pelo menos do que diz respeito à não-consciência messiânica de Jesus. Para Bultmann, pelos ditos, Jesus se considerava aquele que está destinado a ser o Messias vindouro. *Seu conceito de Messias teria sido o do Messias “futuro”*. Em favor disso se pode aduzir somente os ditos de Jesus nos quais ele fala do “Filho do homem vindouro” (Marcos 8.38; Lucas 12.8; Mateus 24.27, 37, 44, etc). Como em todos os textos Jesus fala na terceira pessoa, Bultmann conclui que nos ditos apenas a comunidade estabeleceu

essa analogia, embora o próprio Jesus não o faça (BULTMANN Rudolf. Teologia do Novo Testamento, p. 68-69). Bultmann entende que a redação neotestamentária fixada pela comunidade cristã partia do pressuposto de que o próprio Jesus tinha autoconsciência messiânica, o que, em sua exegese, o texto não sugere (p.65). Vê-se, portanto, que Bultmann preserva a linha mestra da tese de Schweitzer em que Jesus seria uma prefiguração messiânica. Bornkhamm vai na mesma linha, entendendo que o texto bíblico não fornece indicações de sua messianidade, atribuindo-a à tradição (BORNKHAMM Günther. Jesus de Nazaré, p. 283). Os dois entendem, também como Schweitzer, que o discurso messiânico de Jesus é um adendo da própria comunidade, mas não se encontra refletido nas fontes dos ditos ou que os discípulos o reconhecessem assim de fato.

[8] SCHWEITZER Albert. A Busca dos Jesus Histórico, p. 13.

[9] Ibidem, p. 14.

[10] Ibidem, p. 35.

[11] Ibidem, p.415.

[12] Ibidem, p. 417.

[13] Ibidem, p. 479 – 480.

[14] SCHWEITZER Albert. Entre a Água e a Selva, p. 11.

[15] Ibidem, p. 11.

[16] SCHWEITZER Albert. Minha Vida e Minhas Ideias, p. 90.

[17] Ibidem, p. 94.

[18] Ibidem, p. 95.

[19] Ibidem, p. 101.

[20] Ibidem, p. 102.

[21] Ibidem, p. 121. E também em Entre a Água e a Selva, p. 13 – 17. Nesse livro, o Ogowe também aparece como Ogoval.

[22] SCHWEITZER Albert. Entre a Água e a Selva, p. 123-124. E ainda afirma que o comércio norte-americano era o principal fornecedor de bebida importada na África Equatorial.

[23] SCHWEITZER Albert. Minha Vida e Minhas Ideias, p. 197.

[24] Ibidem, p. 197.

[25] SCHWEITZER Albert. Entre a Água e a Selva, p. 113.

[26] Ibidem, p. 125 – 126.

[27] Ibidem, p. 149.

[28] SCHWEITZER Albert. Minha Vida e Minhas Ideias, p. 155.

[29] SCHWEITZER Albert. Decadência e Regeneração da Cultura, p. 21.

[30] Ibidem, p. 24.

[31] Ibidem, p. 25.

[32] Ibidem, p. 27.

[33] Ibidem, p. 31.

[34] Ibidem, p. 36.

[35] Ibidem, p. 37.

[36] Ibidem, p. 38.

[37] Ibidem, p. 45.

[38] Ibidem, p. 47.

[39] Ibidem, p. 55.

[40] SCHWEITZER Albert. Minha Vida e Minhas Ideias, p. 221.

[41] Ibidem, p. 221.

[42] Sobre o estado atual das atividades do Hospital de Lambaréne ver os sites <http://www.schweitzer.org/en/lambarene> acesso 05/09/11 18h04min, e também <http://www.schweitzerlambarene.org/> da Fondation Interlacionale de l'hôpital Albert Schweitzer Lambaréné. Acesso 05/09/11 18h12min.

[43] Dessas conferências, três, irradiadas em transmissões radiofônicas pela Rádio Oslo, na Noruega, estão reproduzidas em Decadência e Regeneração da Cultura, p. 121 – 182.

BIBLIOGRAFIA:

BORNKAMM Günther. Jesus de Nazaré. S.Paulo, Teológica, 2005.

BULTMANN Rudolf. Teologia do Novo Testamento. S.Paulo, teológica, 2005.

SCHWEITZER Albert. A Busca do Jesus Histórico. S.Paulo, Fonte Editorial, 2005

– Decadência e Regeneração da Cultura. 3 ed. S.Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.

– Entre a Água e a Selva. 3 ed. S.Paulo, Edições Melhoramentos, 1956.

– Minha Vida e Minhas Ideias. S.Paulo, Edições Melhoramentos, 1959.

Edson Douglas de Oliveira